Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v40i149.1013
ESTUDOS BÍBLICOS

# Ai daquele que dizer haver paz quando não há paz:

## apontamentos hermenêuticos sobre a contemporaneidade à luz de Ezequiel 13,1-16

*Woe to him who says there is peace when there is no peace: Hermeneutic notes on contemporaneity in the light of Ezekiel 13,1-16*

Mariana Eugenio Schietti*

* Doutora e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professora na Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, Brasil.
mariana.schietti@gmail.com

Recebido em: 21/06/2024
Aprovado em: 21/09/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

**Resumo**

O presente artigo propõe uma análise da perícope de Ezequiel 13,1-16, a partir de seu contexto, qual seja o exílio babilônico, para que sirva de paradigma à realidade contemporânea. Ezequiel é um sacerdote que se torna profeta, sua tarefa é denunciar seus conterrâneos, profetas que pronunciavam a paz quando não havia paz. No texto a intenção e os benefícios obtidos pelos falsos profetas são expostos e recebem os oráculos divinos. Da mesma forma, em nossos dias, há muitos profetas propagando a paz de viver em meio ao consumismo extremo, ao enriquecimento individual frente ao empobrecimento das massas, ao desempenho profissional como forma de sucesso ainda que se perca a alma e o espírito para isso. Para essa análise utilizou-se da pesquisa bibliográfica, qualitativa e hermenêutica.

**Palavras-chave:** Ezequiel, profecia, contemporaneidade, paz.

**Abstract**

This article proposes an analysis of the pericope of Ezekiel 13,1-16, starting from its context, namely the Babylonian exile, so that it can serve as a paradigm for contemporary reality. Ezekiel is a priest who becomes a prophet. His task is to denounce his countrymen, prophets who proclaimed peace when there was no peace. In the text, the intentions and benefits of the false prophets are exposed and they receive divine oracles. In the same way, today there are many prophets who propagate the peace of life in the midst of extreme consumerism, individual enrichment in the face of the impoverishment of the masses, professional performance as a form of success, even if one loses one's soul and spirit for it. This analysis is based on bibliographical, qualitative and hermeneutic research.

**Keywords:** Ezekiel, prophecy, contemporary times, peace.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

## 1 Introdução

Ezequiel 13,1-16 trata de uma denúncia quanto ao mau uso da profecia, como forma de manipulação da massa e alcance de benefícios pessoais. O cenário denunciado pelo profeta Ezequiel é ainda hoje uma realidade latente. Paz, honra, prestígio, poder e dinheiro, são profecias com tons de promessa e barganha, quando não há, na realidade, qualquer vestígio e garantia desses ideais. Ao contrário disso, há uma grande massa rumando ao colapso psíquico e físico (Han, 2017). Numa era pós-moderna, mais de dois mil e quinhentos anos depois deste texto ser escrito, com tamanha disponibilidade de informações sobre as demandas nacionais e globais, ainda é comum encontrarmos líderes religiosos que utilizam de discursos atribuídos à divindade para convencer, explorar e oprimir diversos grupos. Legitimar uma mensagem por meio da divindade é uma prática corriqueira; expressões como "senti que foi de Deus", "orei e Deus me falou/me mostrou", "Deus confirmou que era", são parte do nosso cotidiano, sem sequer darmos conta da seriedade dessas afirmações. Entretanto, se torna muito grave quando a mensagem tem finalidades perversas e causam danos a outros seres humanos, seus familiares, suas comunidades e quiçá um país, nos casos em que o discurso alcança a esfera política.

O referido texto trata não só do mau uso das profecias pelos profetas oficialmente reconhecidos pelos religiosos, neste caso chamados de "profetas de Israel", como também do próprio interior deles. Logo no primeiro verso do capítulo 13, a denúncia feita contra esses profetas revela suas motivações, qual seja o interesse e o benefício próprio. A pergunta que se pretende levantar aqui, a partir da leitura, é: O profeta reconhecido oficialmente pela religião carrega de fato a mensagem de Deus? A mensagem de Deus pode ser uma mensagem apartada da realidade clara e comprovada? Ao que tudo indica, na fala de Ezequiel, a resposta é não. O profeta e a profecia precisam estar intimamente ligados com a realidade, e não o que se espera dela, para trazerem à tona a voz de Deus. A paz é um alvo a ser alcançado, mas só é possível nela chegar após reconhecer a realidade e suas necessárias mudanças.

O objetivo deste artigo, portanto, é compreender qual o contexto de Ezequiel 13,1-16 e como suas denúncias se aproximam da realidade contemporânea, em que líderes religiosos fazem mau uso das profecias para benefício próprio, apontando um caminho diverso do caminho divino percebido em Jesus Cristo. Para isso, a metodologia utilizada será em princípio a pesquisa bibliográfica, com posterior aplicação da metodologia qualitativa e hermenêutica, de forma a propor uma resposta às perguntas suscitadas anteriormente. A pesquisa está focada na compreensão da dimensão da denúncia feita por Ezequias, frente ao contexto em que viviam, além de uma analogia que propicie a hermenêutica bíblico-teológica para contemporaneidade.

## 2 O livro de Ezequiel e sua realidade

Estamos diante de um texto muito claro em meio aos diversos textos carregados de simbologia que o livro de Ezequiel oferece. A mensagem é direta: há profetas anunciando paz, quando não há paz. O autor demonstra a intensidade de seu furor nas palavras

escolhidas para adjetivar e acusar tais profetas: Estúpidos![1] (v. 3); interesseiros (v. 2); enganadores (v. 5); mentirosos (v. 9); assim por diante. Vejamos na integra[2]:

> Recebi esta mensagem de Javé: 'Criatura humana, profetize contra os profetas de Israel. Profetize, e diga aos que profetizam conforme seus próprios interesses. Diga-lhes: Escutem a palavra de Javé! 3Assim diz o Senhor Javé: Ai desses profetas estúpidos, que inventam profecias, coisas que nunca viram, seguindo sua própria inspiração! Os seus profetas, Israel, parecem raposas no meio de ruínas. Vocês não taparam as brechas da muralha, nem construíram muralha para que a casa de Israel pudesse resistir na guerra, no dia de Javé. Têm visões inúteis e previsões enganosas, esses que andam dizendo: 'Oráculo de Javé', quando não foi Javé quem os mandou. E ainda ficam esperando que se cumpra a palavra deles! E não é que vocês continuam tendo visões inúteis e fazendo previsões erradas? E ainda dizem que é oráculo de Javé, quando para vocês eu não falei coisa alguma. Por isso, assim diz o Senhor Javé: Dado que vocês vivem falando coisas à toa e tendo visões falsas, então eu me colocarei contra vocês — oráculo do Senhor Javé. A minha mão pesará em cima desses profetas que têm visões mentirosas e fazem previsões erradas: eles nunca tomarão parte no conselho do meu povo, nem estarão registrados no livro da casa de Israel, nem voltarão para a terra de Israel. Assim, vocês ficarão sabendo que eu sou o Senhor Javé. Tudo isso porque eles desviaram o meu povo, falando de paz, quando não havia paz. Basta o povo levantar um muro, e lá estão eles rebocando com massa. Diga a esses que vivem rebocando com massa: 'Vai desabar uma tempestade, vai cair uma chuva de pedra e soprar uma forte ventania'. Quando o muro cair, irão perguntar: 'Onde é que está o reboco, aquele com que vocês rebocaram?' Por isso, assim diz o Senhor Javé: Em minha ira, mandarei um furacão, com meu furor mandarei uma tempestade e, no auge da minha fúria, uma chuva de pedra. Assim derrubarei o muro que vocês rebocaram com massa; vou fazê-lo cair no chão. Porei à mostra seus alicerces. Ele cairá, e vocês morrerão debaixo. Então vocês saberão que eu sou Javé. Derramarei a minha ira sobre o muro e sobre aqueles que o rebocaram com massa. Depois direi a vocês: Já não existe muro, não há mais rebocadores. São esses os profetas de Israel, que profetizam para Jerusalém, anunciando visões de paz, quando não existe paz — oráculo do Senhor Javé'.

Num primeiro momento não parece claro no texto quem são exatamente esses profetas, quais seus nomes, quais seus grupos, a quem servem. Mas, a aparente carência desta informação não altera a denúncia, o tempo para Israel não é de paz. Ainda assim, a partir do contexto é possível propor que Ezequiel está se dirigindo aos profetas que estão aderindo à cultura do império estrangeiro que passa a dominar Israel. Uma cultura cheia de oportunidades que distancia o povo de seus costumes locais, de suas identidades sociais e religiosas, principalmente.

Seja como for, a partir da fala de Ezequiel, resta claro que há uma falsa percepção da realidade gerada por profetas influentes no meio do povo e que essa falsa mensagem gera um perigo iminente. Pensar que está tudo certo com o caminho trilhado é, naturalmente, deixar de buscar alternativas e caminhos diferentes. Além de haver uma falsa sensação de que se há algo errado ao seu redor, o problema é individual, é com você, e não é social, uma vez que a sociedade está em paz. Acostuma-se, portanto, com a situação que está ao redor, acomodando-se ao agora sem fazer projeções das consequências futuras deste modo de viver. Neste sentido, Ezequiel tem em mente um ideal, revelado por Deus, e que não lhe permite aceitar outra concepção de realidade que não a que lhe foi dada. Por isso, propagar ao povo paz enquanto estão caminhando para longe do desejo de Deus é uma tolice.

[1] Do hebraico *Nabal*, pode ser traduzido como insensato, sem sentido, tolo.

[2] Todas as citações bíblicas utilizadas no artigo são extraídas da tradução Bíblia Sagrada: Edição Pastoral (1993).

Conforme o tempo escriturístico, Ezequiel está situado no ano cinco do exílio do rei Jeconias (Ez 1,2), quando recebe a palavra de Deus chamando-o para uma nova missão. Este é, portanto, o quinto ano da deportação de Joaquim para Babilônia, por volta de 598 a. C (Monari, 1992, p. 7). O exílio reflete o período em que a nação está se dissipando, as instituições estão desaparecendo, as famílias estão sendo separadas, as terras estão dominadas por estrangeiros, o cenário, portanto, é de tragédia. Por certo, "uma guinada decisiva da história de Israel se opera nesta época: nada mais continuará como antes depois da queda de Jerusalém" (Asurmendi,1985, p. 6).

Com mais precisão, o texto de 2Rs 24,13-16 apresenta a seguinte descrição sobre este momento para Israel:

> Nabucodonosor levou embora todos os tesouros do Templo de Javé e os tesouros do palácio real. Quebrou todos os objetos de ouro que Salomão, rei de Israel, tinha feito para o Templo, conforme as ordens de Javé. Levou para o exílio toda a cidade de Jerusalém, todos os chefes e os notáveis, cerca de dez mil pessoas. Levou também todos os ferreiros e artesãos. Deixou no país somente o povo mais pobre. Exilou Jeconias para Babilônia. Levou também, de Jerusalém para a Babilônia, a mãe do rei, suas mulheres, seus funcionários, a classe governante e todos os ricos: cerca de sete mil pessoas. Levou ainda os ferreiros e artesãos: cerca de mil pessoas, todos os homens aptos para a guerra.

A classe que dirigia Israel está agora submetida às ordens de outra liderança, dirigidos por outra cultura, outra fé, outras leis e uma forte estrutura política e militar. Nakanose (2022, p. 156) destaca que os deportados "estão sujeitos e expostos à realidade da terra estrangeira: um império próspero e poderoso" que funcionava de maneira "sofisticada e estranha". Os deportados "são forçados a se adaptar e a desenvolver novos modos de manifestar e praticar sua fé, religião e organização", na tentativa de sobreviver.

Exílio, nome dado para a deportação de um povo ou o afastamento voluntário da terra natal, não está condicionado unicamente ao movimento feito pela e para a Babilônica. Mas, reflete também o movimento feito voluntariamente por muitos daqueles que ficaram em Israel após a deportação da classe dirigente, sentindo-se inseguros e enfraquecidos, dirigiram-se ao Egito e outras regiões próximas, na luta pela sobrevivência. Os episódios de exílios do século VI a. C. aconteceram não apenas para os que foram para Babilônia, na realidade toda a nação se espalhava em busca de uma vida melhor e mais protegida. Judá estava marcada por profundos conflitos, como bem relata o livro dos Reis, divididos em partidos pró-Egito e pró-Babilônia que mais cedo ou mais tarde levaria todos os habitantes da região ao cenário de guerra, era preciso estar atento e preparado para a intensificação constante dessas disputas e o enfraquecimento nacional que ela gerava.

Ainda conforme os estudos de Nakanose (2022, p. 161) nos anos entre 605 e 589 a. C., a Babilônia investiu na expansão de seu império sobre a região da Síria-Palestina, contando com um exército poderoso, bem-preparado e equipado. Possuía armas de ferro modernas para época, esquadrões de carros e cavalaria, que os tornava capazes de conquistar, coletar impostos, reprimir rebeliões e semear o terror pela região, facilitando o controle. Com essas forças militares, a Babilônia conseguiu expandir consideravelmente seu império geograficamente e pela fraqueza apresentada pelo Reino de Judá, a vitória dos babilônios em dominar a região já era de se esperar.

Semelhante ao Império Assírio, que dominava anteriormente, a política babilônica seguia três passos/estágios de vassalagem. No primeiro, em seguida à conquista, já era imposta a relação de vassalagem com a cobrança de tributos e eventual envio de tropas auxiliares para o exército, além da prática do trabalho forçado. No segundo estágio, em

caso de rebelião, ocorria uma intervenção militar, com a destituição do rei rebelde e a nomeação de um rei leal em seu lugar. A classe dirigente do reino vassalo, em todo caso, era deportada para enfraquecer o reino e viabilizar a apropriação da Babilônia de maior parte do território, aumentando a pressão militar e diplomática. No terceiro estágio, em caso de reincidência na rebelião, ocorria uma intervenção militar ainda mais devastadora, com o massacre ou nova deportação da classe dirigente local e a ocupação total do território, eventualmente destruindo a capital e acabando com a independência política do reino vassalo (Nakanose, 2022).

O reino de Judá sofreu os três estágios desta política, como descrito acima, até chegar ao seu fim. Ezequiel está localizado no início desse processo, que hoje podemos concluir facilmente estar longe de um período de paz para os moradores de Judá, desde a elite aos camponeses mais distantes do centro. O livro das Lamentações descreve a dor de Jerusalém provocada pela ação invasora de Nabucodonosor. O texto retrata uma realidade caótica de matança, saques, violência sexual e psicológica, abusos de poder, fome, no capítulo 5 o autor chega a mencionar que já pediram ao Egito e a Assíria que os ajudassem a sobreviver, que os dessem comida. Seus corações estão desolados com a devastação de Sião:

> Nossa pele queima como forno, torturada pela fome. Violentaram as mulheres em Sião e as jovens nas cidades de Judá. Com suas mãos esganaram os chefes e não respeitaram os anciãos. Forçaram os jovens a girar o moinho, os rapazes sucumbiram sob o peso da lenha. Os anciãos já não participam do Conselho e os jovens deixaram seus instrumentos de corda. Acabou a alegria que nos enchia o coração, nossa dança se mudou em luto. Caiu a coroa da nossa cabeça: Ai de nós, porque pecamos! Por isso, o nosso coração está doente e os nossos olhos embaçados. Porque o monte Sião está desolado e por ele passeiam as raposas (Lm 5,10-18)

Semelhantemente, o texto do profeta Habacuc, datado do mesmo período, relata:

> Até quando, Javé, vou pedir socorro, sem que me escutes? Até quando clamarei a ti: 'Violência!' sem que tu me tragas a salvação? Por que me fazes ver o crime e contemplar a injustiça? Opressão e violência estão à minha frente; surgem processos e levantam-se rixas. Por isso, a lei perde a força e o direito nunca aparece. O ímpio cerca o justo e o direito aparecem distorcido (Hb 1,2-4).

Para Römer (2019, p. 29) a destruição de Jerusalém, do templo, da dinastia davídica, da cidade santa, pelos babilônicos em 587 a. C provocou nos intelectuais, uma crise ideológica. "Os pilares identificadores de um povo do Antigo Oriente próximo, isto é, o rei, o templo do deus nacional e a terra, tinham desmoronado. Era preciso encontrar novos fundamentos para expressar a identidade de um povo privado de suas instituições". Aqueles que desejavam manter viva a tradição, a fé em Javé e sua cultura nacional, se esforçavam por criar caminhos que viabilizassem a manutenção desses pilares, sem deixá-los morrer. Dizer que estava tudo bem, tudo certo e em paz, parecia ser uma ação de abandono dessa luta, uma entrega a um novo modelo que não lhes pertencia, aceitando passivamente o castigo (como buscaram legitimar o ocorrido) de Javé, sem mudar o caminho que lhes trariam de volta a herança de seus antepassados.

Ainda que estudiosos como Finkelstein e Silberman (2018, p. 384) e Kessler (2009, p. 160-162) advirtam sobre uma possível positividade no ocorrido, com um início mais brando para alguns, considerando que a Babilônia concedeu certa autonomia à população não deportada, sob o controle do oficial Godolias, e concedeu aos nobres deportados a possibilidade de trabalharem suas áreas, servirem na corte, e terem considerável liberdade

na Babilônia, aos olhos de Ezequiel e daqueles que desejavam manter viva a tradição do povo e o completo domínio sobre suas regiões, essas disponibilidades estavam longe de serem comparadas ao cenário de paz. Além disso, como o próprio Finkelstein declara em seguida à suposta negatividade de um cenário desgraçado, é que não há muitas informações sobre a vida dos exilados nesse início: "Nossas únicas fontes são as alusões indiretas e com frequência obscuras contidas em várias obras proféticas", dentre eles Ezequiel e Segundo Isaías. "A partir de referências esparsas no Livro de Ezequiel, parece que os assentamentos judaítas estavam localizados em áreas subdesenvolvidas do reino babilônico, perto de canais recentemente escavados" (Finkelstein; Silberman, 2018, p. 385). Certamente que viver em locais subdesenvolvidos não será melhor do que viver em sua própria terra, na qual sua família cresceu e se desenvolveu e seus costumes estão bem estabelecidos.

Neste momento não cabe discutir se os costumes e cultura que havia em Israel era a melhor e totalmente livre de injustiças. A pauta, nesta pesquisa, é de que há uma completa intervenção na história de um povo, que desestabiliza seu legado, rompe sua identidade, sua religião, seu *modus operandi,* como acontece em todos os sistemas de invasão, domínio, exploração e colonização. Ezequiel se põe contra a aceitação dessa perda de identidade e de tradição. A vitória do povo não é adequar-se à nova engrenagem, mas unirem-se para que a essência, a história e a herança não fossem perdidas.

## 3 O sacerdote se torna profeta

Ezequiel era um sacerdote sadoquita, da linhagem de Sadoc, que dominava o ofício desde os tempos da monarquia davídica, quando foi exilado pela Babilônia e recebeu visões da parte de Deus: "estando eu junto com os exilados à beira do rio Cobar, de repente se abriram os céus e eu tive visões divinas" (Ez 1,1). A visão do sacerdote Ezequiel se revela como um chamado de Deus à nova missão, de ser agora porta voz de Deus diante de um povo dito rebelde (Ez 2,3). Portanto, de ser um profeta, um transmissor da mensagem de Deus para o povo da aliança. A mensagem a ser transmitida não é simples, "Ezequiel deverá levar: o anúncio de juízo: lamentações, gemidos e prantos" (Monari, 1992, p. 7), a começar pelos próprios conterrâneos, o novo profeta deverá denunciar Israel e seus próprios profetas e, posteriormente, denunciar as nações estrangerias.

Advertido e ciente de suas responsabilidades enquanto profeta, Ezequiel continua experimentando uma série de experiências narradas nos capítulos seguintes, anunciando a mensagem de Deus para os líderes de Jerusalém. Monari (1992, p. 9) comenta que, ao imaginar esses anos pelos quais Ezequiel passou assistindo à destruição da terra prometida, a dissipação do povo, o sofrimento e, também, as injustiças cometidas, é possível que o profeta tenha feito algumas indagações a fim de compreender o motivo pelo qual seu povo passava por tamanha aflição: "como é possível imaginar que Jerusalém seja destruída? Onde está a eleição? E a aliança? E os patriarcas?", as reflexões que levam a possíveis respostas, segundo o autor, devem ser feitas a partir dos oráculos dos capítulos 13 a 24.

Antes de analisar os oráculos, há que se destacas as etapas da mudança de posição de Ezequiel. Como se pode perceber, tornar-se profeta não é apenas passar a falar em nome de Deus, mas, antes disso, tornar sua vida uma coisa só com a mensagem recebida, e que será anunciada. Há uma completa simbiose entre a vida e a ética que permeia a mensagem anunciada. O profeta chamado por Deus não mais dissocia sua função religiosa de sua vida cotidiana. Enquanto um sacerdote, por exemplo, cumpre ritos de purificação específicos

para atos litúrgicos específicos. O profeta a todo tempo está pronto, "purificado", para exclamar aos seus destinatários a mensagem divina. "Assim, na mensagem dos profetas, religião, sociedade e política são questões entrelaçadas" como afirma Scardelai (2014, p. 123).

Asurmendi (1985, p. 6) descreve Ezequiel como aquele que vive intensamente os acontecimentos de sua época, não apenas como um observador, mas como quem toma partido pessoal diante do que vê. Sua visão, como propõe o referido autor, certamente é de tragédia: as instituições estão desaparecendo, o povo está perecendo, a expectativa por sobrevivência parece estar se dissipando, o império estrangeiro está no poder, e diante disso muitos estão se aliando e se entregando às alianças políticas. A palavra de Ezequiel é enraizada na sua realidade concreta, na urgente necessidade de compreender e dar significado ao que acontecia em Judá. A imersão de Ezequiel em sua nova função é descrita no capítulo 3 da seguinte forma:

> Ele me disse: 'Criatura humana, coma isso; coma esse rolo, e depois vá levar a mensagem para a casa de Israel'. Então eu abri a boca e ele me deu o rolo para comer. E continuou: 'Criatura humana, que seu estômago e sua barriga se saciem com este rolo escrito que estou lhe dando'. Eu comi e pareceu doce como mel para o meu paladar. Depois ele tornou a falar: 'Criatura humana, vá procurar a casa de Israel para levar-lhe a minha mensagem. Não é para um povo de idioma estranho ou de língua difícil que você está sendo mandado, mas para a casa de Israel. Não é também para povos numerosos de idioma estranho e língua difícil, cujas palavras você não entenderia. Se fosse para eles que eu mandasse você, certamente o escutariam, mas a casa de Israel não escutará você, porque não quer escutar a mim. Eles têm a cabeça dura e o coração de pedra. Em compensação, eu farei com que o seu rosto fique duro como o deles, e a sua cabeça dura como a deles. Eu farei que sua cabeça seja dura como diamante, que é mais duro do que pedra, para você não ter medo deles, nem se assustar com a cara deles, mesmo que eles sejam uma casa de rebeldes'. Ele me disse ainda: 'Criatura humana, escute atentamente todas as palavras que eu vou lhe dizer, e guarde na memória. Depois procure os exilados, a gente do seu povo, e diga-lhes: Assim diz o Senhor Javé, quer vocês escutem, quer não'. Passados sete dias, recebi esta mensagem de Javé: 'Criatura humana, estou colocando você como sentinela para a casa de Israel. É da minha boca que você ouvirá a mensagem. E o que aprender de mim, você vai lhes ensinar. Se digo ao injusto que ele deve morrer, e você não o avisar e não lhe falar, ensinando-lhe a deixar o seu mau caminho para que possa continuar vivo, ele morrerá, mas eu cobrarei de você a morte dele. Se você, porém, avisar o injusto, mas ele não voltar atrás do seu mau caminho, ele morrerá por causa de sua própria injustiça, mas você ficará com a vida a salvo. E se o justo se afastar da sua justiça e praticar a injustiça, eu colocarei um tropeço diante dele, e ele morrerá. Porque você não o avisou, ele morrerá; porque se desviou, eu não me lembrarei do bem que praticou. Mas vou cobrar de você a morte dele. Se você, porém, chamou a atenção do justo para que ele não pecasse, e ele não pecou, então ele conservará a própria vida, porque foi orientado; e você também terá a sua própria vida a salvo' (Ez 3,1-11.16-21).

O profeta deve estar consciente de suas responsabilidades, de sua vocação e da influência que exerce sobre o povo. Scardelai (2014, p. 50) menciona que o profeta é chamado a agir em nome de Deus, sua palavra é ação viva, que deve ser encarnada na ética pessoal do profeta. Os meios que ele utiliza para expor sua mensagem, sua ação e sua ética viva não são tão importantes quanto o conteúdo que baseia esses elementos. Nas palavras do referido autor encontramos: "Os ensinamentos dos profetas, muito antes da Torá, já denunciavam os pecados éticos e morais de Israel: opressão, fraude, roubo, mentiras e tantas outras mazelas associadas às injustiças sociais" (Scardelai, 2014, p. 52). A denúncia do profeta seria prontamente rejeitada se suas ações fossem justamente aquelas as quais Deus está condenando.

## 4 Ai daqueles que falseiam a realidade

Com vistas à representatividade civil do profeta, percebendo que manter o povo enganado de suas situações era benéfico àqueles que estavam se aproveitando das oportunidades geradas com a adesão pacífica dos costumes e das leis do império dominante, Ezequiel lança mão dos oráculos de justiça para fortalecer sua fala. O texto, no verso três (Ez 13,3) diz: "Assim diz o Senhor Javé: Ai desses profetas estúpidos, que inventam profecias, coisas que nunca viram, seguindo sua própria inspiração". O uso do "ai" é bastante significativo e deixa o texto ainda mais pesado. Sobre seu uso Schmidt (1994, p. 180) argumenta:

> De onde os profetas emprestaram o 'ai'? Esta pergunta suscitou uma discussão acalorada (por último, C. Hardmeier). Como se explicam semelhanças estruturais com as maldições (Dt 27.15ss.)? Tematicamente há pontos de convergência com a sabedoria (Is 5.20ss. e outras). Porém o 'ai' originou-se da lamentação fúnebre (l Rs 13.30; Jr 22.18; 34.5; cf. Am 5.16). O profeta o transfere a pessoas vivas, para demonstrar aos seus ouvintes 'que uma certa conduta humana já contém o gérmen da morte" (G. Wanke). A partir da distinção entre anúncio do futuro e sua fundamentação, o 'ai' constitui um gênero misto em que se fundem a indicação da culpa (na descrição da conduta) e o anúncio do castigo. O 'ai!' que lamenta por pessoas vivas estarem destinadas à morte já contém em si o juízo iminente, e até o juízo presente.

O contrário ao ai é o bem-aventurado ou feliz, que pode ser uma congratulação a exemplo de 1 Reis 10,8, Salmos 127,5 e 128 ou um elogio a uma determinada conduta como em Salmos 1,1; 2,12; 32,2. e até as bem-aventuranças de Mateus 5. Trazendo, portanto, o Novo Testamento para a análise comparativa, vemos essa aplicação dos ais enquanto oráculos de justiça, sendo utilizados por Jesus, ao denunciar as maldades praticadas por líderes religiosos, disfarçadas de pureza. Jesus compara aqueles religiosos às sepulturas, que levam as pessoas à morte sem que elas percebam (Lc 11,37-44).

Bovon (2002, p. 278), da mesma forma, entende os ais como uma expressão de raiz profética que está ligada aos oráculos de juízo. "Ai de vós" é um enunciado de castigo, como vindo da parte de Deus. Como sendo dito pelo representante de Deus, o profeta. Fitzmyer (1987, p. 607) destaca que o uso dos oráculos é raro, e que por estarem diretamente ligados às bem-aventuranças, tornam-se, portanto, "as 'mal-aventuranças'". Seus destinatários também são os opostos dos destinatários das bem-aventuranças, são, portanto os que não estão oprimidos e preocupados, os que já gozam de sua boa posição.

Portanto, o que o profeta está anunciando é que são mal-aventurados e propagadores da morte aqueles que falseiam a realidade com vistas ao benefício próprio. O desejo de Ezequiel era manter a salvo sua fé, sua cultura, sua tradição e, certamente, sua posição social. Aproveitar a falsa sensação de liberdade que a Babilônia providenciava a alguns, assim como aderir às suas práticas, seus cultos, seus costumes, para Ezequiel era caminhar rumo à morte. Ezequiel percebe e proclama a necessidade de ver por trás da pretensa liberdade, que são as condições aprisionadoras e exploradoras que ditavam a relação entre o Império e seus vassalos.

Não muito diferente disso, atualmente, adere-se aos modelos aprisionadores e exploradores com muita facilidade, acreditando tratar-se de um modelo que gerará recompensas positivas no futuro, quando gera apenas adoecimento em massa.

## 5 Aí de nós: a realidade atual

Vivemos tempos em que o avanço científico, tecnológico, político e econômico é visto como a menina dos olhos do desenvolvimento e união global. Os aplausos vão para os diversos setores que exploram das mais variadas formas o ecossistema, a fauna, a flora e o trabalho humano. Construção civil, agronegócio, indústria farmacêutica, petroleiras, são as queridinhas dos investidores e daqueles que desejam alcançar altos patamares econômicos. Muitos brasileiros são encantados e atraídos por modelos europeus e norte americanos de negócios, rendendo-se às pressões de uma aplicação semelhante à dos estrangeiros em seus modelos de negócio local. A identidade brasileira é desconhecida pela grande maioria dos brasileiros, que assumiram uma identidade estrangeira alheia a seus contextos, suas demandas e seus limites.

A forma como a sociedade contemporânea se desenvolve, na aparente estrada rumo à paz e ao desenvolvimento sustentável, é na verdade um grande engano. Em 2023 a ONU (Organização das Nações Unidas) advertiu que "mantendo o ritmo atual haverá 575 milhões de pessoas vivendo na pobreza extrema em 2030" (ONU [...], 2023). Além disso, outros dados são alarmantes: "cerca de 600 milhões de habitantes do planeta enfrentarão fome e outros 300 milhões de menores ou jovens, que frequentam a escola, ainda não saberão ler ou escrever" (ONU [...], 2023). Também, como indicam os pesquisadores, "seriam precisos 280 anos para fechar a lacuna de gênero na proteção legal e retirar leis discriminatórias" (ONU [...], 2023). Outra preocupação não menos importante aponta que "as emissões de CO2 continuam subindo, o acesso à energia renovável continua baixo e diversas espécies de animais seguem ameaçadas de extinção em meio a desastres climáticos que aumentam de intensidade" (ONU [...], 2023).

Como se vê, não estamos no caminho da paz e do contentamento. Apesar dos acordos globais da Agenda-2030 da ONU para o desenvolvimento sustentável, propondo alcançar dezessete objetivos até aquele ano, aparentemente, os esforços das nações não caminham nesse sentido. Objetivos como a erradicação da pobreza, a fome-zero, a melhoria na educação, o saneamento e o acesso à água potável, a redução da desigualdade, a promoção da paz e da justiça e outros, se tornam distantes em escala global quando a estrutura político-econômica caminha na contramão de ações que poderiam resultar no alcance dos objetivos propostos. O que se vê é uma crise generalizada, em que as populações de países pobres ainda enfrentam problemas de fome, sede, falta de acesso à saúde, higiene básica, moradia, bem como problemas de ordem psíquica e de conflitos religiosos. O que significa riqueza, avanço e crescimento para alguns, significa pobreza, perda e retrocesso para muitos outros.

Além disso, há que se atentar para os problemas individuais e cotidianos. Todos os dias, na vida de indivíduos em suas casas, nos campos de trabalho análogos à escravidão, nas calçadas dos grandes centros, nos leitos de hospitais, nos botes perdidos em alto mar, nos presídios, nas favelas e assentamentos, nos asilos e orfanatos, e em todos os lugares em que a vida de desenvolve aquém do patamar de dignidade intrínseco à vida, há uma demanda social e coletiva por trás. Esses graves problemas individuais só podem ser efetivamente resolvidos em âmbitos maiores, quer sejam globais, nacionais ou regionais. Por meio de decisões geopolíticas que envolvem vários governos, que promovem acordos e sanções, que exigem a adoção de medidas emergenciais, que promovem a conscientização das populações mundiais, podemos vislumbrar impactos em escala global.

O coletivo de ações individuais, alimentados pelas práticas culturais e geradas por um mecanismo psicológico interno, tem impacto relevante na política global. Harari

(2018, p. 14) afirma que o mundo global exerce uma pressão sem precedentes sobre a conduta e a moralidade de cada pessoa. O que uma pessoa faz em sua rotina diária influencia a vida de outros seres – humanos, animais e plantas – do outro lado do mundo. E o que faz em sua rotina diária revela seus vieses políticos e religiosos, seus privilégios raciais e de gênero, assim como revela cumplicidade, talvez involuntária, na opressão exercida pelas instituições.

Sung (2008, p. 78-81), assim como outros, considera esse um sistema de mercado capitalista, o qual possui duas características elementares, quais sejam: controle de produção nas mãos de empresas privadas que se dedicam unicamente aos desejos dos potenciais consumidores, e o regime de concorrência, em que aquele que é mais capaz de atender os padrões de consumo acabam vencendo. O resultado disso é a frustração, a autoculpabilização, a distorção da autoimagem, dentre outras circunstâncias que fazem com que essa massa de pessoas desumanizadas se sinta inferior e merecedora da situação em que está. Este modelo social gera inúmeros impactos de ordem pessoal e social, melhor dizendo, privado que reflete no comunitário. São seres cada vez mais empobrecidos, se doando para tentar alcançar o inalcançável, justificando suas ineficácias em si mesmos quando o verdadeiro culpado é o próprio sistema em operação que resultará no enriquecimento mais forte da minoria e a desumanização cada vez mais latente da maioria, fazendo referência aos dados apresentados nos primeiros parágrafos desse tópico.

Sobre essa tendência consumista, Sung (2008) a descreve como uma busca pelo paraíso. O capitalismo promete que o paraíso é alcançado pelo consumo em abundância, que satisfaz e eleva o ser humano. Entretanto, segundo o autor:

> Estamos num dilema: para se atingir o paraíso (a abundância de consumo) é necessário abandonar o espírito de caridade cristã, de solidariedade para com os mais fracos. Para se atingir o paraíso capitalista é preciso criar uma cultura de insensibilidade social, ou, como disse o ex-ministro Roberto Campos, 'uma mística cruel do desempenho e do culto da eficiência'. Mas como uma mística pode ser cruel? E como uma mística cruel pode ser algo bom? Mística é o caminho para o bem, a força que nos faz superar as tentações do pecado (Sung, 2008, p. 79).

É possível assumir que em algumas sociedades que se desenvolveram sob as narrativas do cristianismo, essa crise se apresente como parte da herança de uma tradição antiga que se impôs por força, que oprimiu e escravizou, e que privilegiou poucos às custas do sofrimento de muitos. Neste caso, fala-se de nações colonizadas por países europeus, com culturas exploradoras já bem definida. Luiz José Dietrich, sobre o assunto, discorre que:

> É do senso comum que o cristianismo entendido como a 'única religião verdadeira' e certos usos da Bíblia, entendida e muitas vezes imposta como 'A Palavra de Deus', como livro 'revelado' e ou 'inspirado', tiveram e ainda têm um papel importante nos processos de colonização e legitimação da 'hegemonia política, econômica e cultural europeia e ocidental' sobre o 'sul' do mundo. Foram – e ainda vêm sendo utilizados como – poderosos instrumentos de destruição de culturas, religiões, tradições e organizações familiares e tribais, práticas sociais e ambientais, facilitando a implantação de um modelo que nos torna dependentes dos países centrais. Certas correntes cristãs, com uma compreensão de 'Palavra de Deus', de 'revelação' e de 'inspiração' associadas à projetos de dominação cultural e de exploração política e econômica, se estabeleceram profundamente nos territórios e consciências de muitos povos dominados. Na mesma linha florescem atualmente, inclusive, novas formas de cristianismos, ativamente sinérgicos na consolidação da 'ideologia da autonomia e do individualismo possessivo' características do neoliberalismo (Dietrich, 2018, p. 62-63).

A consciência cristã, segundo Dietrich (2018), se moldou a partir das formas coloniais, imperialistas e ocidentais, que legitimam e forçam a dominação dos países centrais do ocidente e seus grandes impérios, que têm por fundamento diversas separações e cisões. Enquanto a sociedade civil não percebe esses padrões impostos à população, mas continua propagando os benefícios de sistemas impositivos, imperialistas e colonizadores, há uma falta sensação de que tudo está bem, caminhando para a paz. Mas, não há paz. Não há bem-aventurança. E à liderança eclesiástica cristã, de onde seria possível esperar algum socorro, algum caminho iluminado pelo evangelho do Cristo, está cada dia mais abraçada com esses padrões narcisistas e opressivos, que funcionam apenas na base da barganha.

## 6 Considerações finais

O texto de Ezequiel 13,1-16 poderia servir como base para diversas problemáticas que temos em nossos dias, tanto com relação ao conteúdo das profecias contemporâneas como em relação a quem são esses profetas e qual seus envolvimentos com a realidade da grande maioria dos brasileiros. Entretanto, o foco deste artigo foi no conteúdo específico da mensagem de Ezequiel: a falsa sensação de paz. Enquanto diversos filósofos, sociólogos, meteorologistas, biólogos, dentro outros, advertem o colapso iminente que o mundo está vivendo, com a degradação da fauna e da flora, com as diversas alterações em nosso ecossistema, com os riscos de viver de maneira acelerada, atarefada e consumista, gerando cada vez mais seres humanos ansiosos, depressivos e frustrados, existem muitos líderes religiosos, autoproclamados profetas, que reforçam esses comportamentos e estimulam essa forma de viver.

Sendo assim, a partir do texto ora explorado, é possível identificar discursos que apresentam paz onde não há paz, como sendo discursos favorecedores e reforçadores dos sistemas destrutivos aqui apresentados. Este engano serve apenas para que parte da sociedade, representadas por uma minoria da população, lucre cada vez mais com o consumismo, com a mão de obra sucateada, com o empobrecimento das massas, com o crescimento de doenças. A miséria de uns se torna a oportunidade de lucros ainda maiores para outros. É preciso enxergar a realidade que nos cerca e quanto antes procurar caminhos alternativos que possam devolver aos seres humano e ao cosmos a beleza da vida.

## Referências


ASURMENDI, Jesús María. *O profeta Ezequiel*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1993. Disponível em: https://biblia.paulus.com.br/. Acesso em 21 jan. 2024.

BOVON, François. *El evangelio segun San Lucas* (Lc 1-9). Salamanca: Sígueme, 1995. v. 1.

DIETRICH, L. J. Introdução. *In:* NAKANOSE, Shigeyuki; DIETRICH, Luiz José (org.) *Uma história de Israel*: leitura crítica da Bíblia e arqueologia. São Paulo: Paulus, 2022. p. 9-33.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia desenterrada*: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados. Petrópolis: Vozes, 2018.

FITZMYER, Joseph. *El evangelio según Lucas*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987. v. 4.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. 21 *Lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

MONARI, Luciano. *Ezequiel, um sacerdote-profeta*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

NAKANOSE, Shigeyuki. O Período exílico e seu movimento sociorreligioso. *In:* NAKANOSE, Shigeyuki; DIETRICH, Luiz José (org.) *Uma história de Israel*: leitura crítica da Bíblia e arqueologia. São Paulo: Paulus, 2022. p. 155-216.

ONU: 575 milhões de pessoas podem viver na pobreza extrema até 2030. *Onu News,* [*s. l.*], 11 jul. 2023. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2023/07/1817247#:~:text=ONU%3A%20575%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas%20podem%20viver%20na%20pobreza%20extrema%20at%C3%A9%202030,11%20Julho%202023&text=Relat%C3%B3rio%20alerta%20para%20amea%C3%A7a%20de,com%20leis%20discriminat%C3%B3rias%20no%20planeta. Acesso em 25 jan. 2024.

RÖMER, Thomas. *A origem de Javé:* o Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2019.

SCARDELAI, Donizete. *Da Religião Bíblica ao Judaísmo Rabínico*. Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu. São Paulo: Paulus, 2014.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SUNG, Jung Mo. *Se Deus existe, por que há pobreza?* São Paulo: Editora Reflexão, 2008.